

## **1- INTRODUÇÃO: MEMORIAL DESCRITIVO**

Meu nome é Criziane da Silva Madruga, tenho 24 anos e vou contar um pouco de minha trajetória escolar e profissional em relação à educação.

Posso dizer que minha infância foi ótima, morava na campanha e era super sapeca, pois tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar, aprontar e chorar também. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com meus amigos, jogava bola, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva e brigava muito também, pois isso é muito normal na vida das crianças. Quase sempre brigava com o menino Giovane. Mas o que mais eu adorava era andar a cavalo e cuidar dos meus 20 cordeirinhos, que eram uma felicidade só, pois até hoje sou uma eterna apaixonada pelos animais.

Minha educação indireta com a escrita e com a leitura foi muito boa, pois sempre estiveram em torno de jornais, revistas, programas de TV, mesmo que meus pais tivessem poucos estudos sempre fizeram com que eu tivesse oportunidades de vivenciar a escrita. Quando minha mãe tinha uma venda onde morávamos, eu estava sempre metida atrás do balcão para vender também, mas como eu era tão baixinha, minhas mãos só davam para alcançar no pote das balas. Muitas vezes, as pessoas chegavam e colocavam a cabeça para dentro do balcão, para poder falar comigo.

Quando eu ia passar minhas férias na chácara do meu avô, muitas foram às vezes que fiquei embaixo de uma figueira olhando uma revista de romance em quadrinhos, e como eu não tinha domínio com a leitura, eu mesma dava sentido para a história que estava vendo. Eu e minha irmã fazíamos boias de garrafa pet e fugíamos para tomar banho no arroio escondidas de meu avô. Adorava acordar de manhã bem cedinho e sentir aquele cheirinho de fumaça do fogão à lenha que meu avô sempre acendia, pois a hora que nós levantávamos e íamos direto assar milho verde. Sinto muita saudade e fico bastante emocionada em lembrar-me de coisas maravilhosas que fiz em minha infância. Uma brincadeira que me lembro bastante era a de entrar nos açudes e pegar sanguessuga, depois à gente gritava e tinha que queimar aquela bicha para sair de nós. Pode até parecer que são coisas estranhas, mas, para mim, tinha muito significado, mais ainda

porque eu era muito arteira, não tinha ninguém que conseguisse fazer a Xuxinha, que era meu apelido, ficar quieta ou dentro de casa: isso era impossível, eu estava sempre procurando algo para aprontar.

Comecei a estudar numa escola municipal situada na campanha, era uma escola rural. Ingressei com sete anos na 1ª série e fiz até a 5ª série na mesma escola. As aulas eram todos os dias, porque a professora morava na escola. Quando eu chegava, todos tinham que fazer fila de menor a maior, e se dividia em duas: meninas de um lado e meninos do outro. No segundo momento era a reza. Todos os dias tinha a hora da oração e só depois deste momento que começavam as atividades. Era uma sala multisseriada, na qual penso até hoje que este era um dos motivos por não serem tão bem reforçados os conteúdos, pois a professora não tinha tanto tempo para dedicar-se a uma série específica, pois é muito difícil um professor conseguir trabalhar com muitas séries e vários níveis numa sala só.

Na escola sempre era uma quantidade de 15 a 18 alunos, e a merenda era maravilhosa, feita por uma mulher que morava na granja, a qual todos os alunos chamavam de “tia Aldema”. Na hora do recreio era sempre livre: a gente corria no mato, brincava de jogar bola, mas muitas vezes por ordem de minha mãe eu não tinha recreio, porque eu tinha dificuldade na tabuada. Minha mãe então falava para a professora me deixar dentro da sala. Confesso que parecia que minha vida tinha andado uns dez anos sem aproveitar nada, só olhando meus colegas se divertirem, e eu lá só olhando por uma janela com a tabuada na minha frente. Depois a hora de ir embora era bem tranquilo, porque quase todos moravam ali bem perto, e quem não morava ia de bicicleta ou a cavalo.

Quando passei para a 6ª série, fui estudar numa escola municipal na cidade, porque onde eu morava era até a 5ª série. Achei realmente que o ensino que tive na escola rural foi bem fraco, mas mais significativo para mim. Tive um impacto muito forte ao chegar numa escola que tinha mais de trinta alunos numa única série, e a cada som da campanha trocava de matéria e, conseqüentemente de professor também. Os conteúdos não tinham nada a ver com o que eu via na outra escola. Sabe quando você parece que está num lugar que você não deveria estar? Pois é, era assim que eu me sentia nos primeiros quatro meses na escola em que eu estava. Outra coisa que senti muita falta foi dos diálogos que eu tinha com a professora na zona rural,

assuntos que eram bem interessantes. Lembro-me que alguns dias ela sentava embaixo de uma árvore e nos contava histórias, fazia perguntas sobre o que nós gostaríamos que ela nos ensinasse. Hoje, sei que muitas das conversas eram prazerosas, porque ela num momento simples tirava muitas dúvidas nossas e, quando fui para a cidade, nenhum professor se preocupava comigo, e mais, nem estavam com seus alunos, só se lembravam do meu nome, muitas vezes, por causa da chamada, e isso também me faz questionar se quando era na campanha ela sabia nos conhecer, nos interrogar sem nos dar medo. Já quando fui para cidade cada vez mais eu tinha dúvidas, anseios que muitas vezes, motivo pela qual, nem sabia por que eu estava assim. Agora sei o diálogo era restrito.

Mas uma coisinha boa, que me lembro desse momento, eram as bolinhas com recadinhos que os meninos da aula mandavam para as meninas. Como eu era nova na escola, todos os garotos me mandavam recadinhos: que fase bem gostosa de minha vida! Para minha sorte, o menino que eu adorava brigar quando criança, também estava estudando nessa escola. Ele morava no mesmo lugar que eu, vínhamos todos os dias junto para a cidade.

A partir desse momento, comecei a olhar de modo diferente o Giovane, pois todos os dias ele tentava me agradar, mas não era daquele momento, já era bem de antes, mas eu não tinha percebido. Não sei se pelo motivo que já o conhecia desde meus quatro anos, e ele tinha seis, ou pelo motivo de ter ele como um amigo de infância. Só sei que, quando vi, estava apaixonada por ele e quando o via com outras meninas na escola, ficava furiosa que até não falava com ele. Pois bem, começamos a namorar escondido dos meus pais e de todos que moravam lá fora, mas tudo que é escondido sempre aparece: minha tia descobriu e contou para minha mãe.

Minha mãe falou que até aceitava, mas ele tinha que falar com meu pai. Então ele falou, e começamos a namorar, mas tinha hora e dia para nos vermos. Como a gente ia e voltava da escola, era difícil de não se ver.

Quando eu estava na 7ª série e já estava bem acostumada, começou outro problema que me marcou muito, pois todos da campanha dependíamos de um carro da prefeitura para nos levar, mas quando chovia não passava ninguém, porque as pontes enchiam e não dava para atravessar. Eu levantava as cinco da manhã para sair de lá às seis e meia, chegava à cidade às sete e

meia, porém teve um tempo que a Kombi estragou e não havia verba para mandar arrumar os carros, e o prefeito parou de mandar nos pegar. Fiquei três meses sem ir à escola: ia dois dias faltava quatro, e assim foi... Quando eu chegava lá, não tinha vontade de ir, porque todos estavam super afiados, e eu lá com uma pilha de coisas para estudar. A partir desse problemão, meus pais compraram uma casa na cidade, porque eu não tinha onde ficar para poder estudar. Meus pais não tinham família na qual eu poderia me hospedar. Para mim, confesso foi horrível, porque ficar longe de meu namorado e além do mais, sair do lugar onde eu tinha raízes foi bem difícil. Viver longe do que eu mais gostava e, quando eu chegava da escola, via minha mãe chorando por estar com saudade de lá, cortava-me o coração, mas sabia que era para o bem de minhas irmãs e meu também. Quando nos mudamos, eu já não tinha mais chance, porque eu estava reprovada em todas as disciplinas e, para piorar, direto no maldito “provão,” motivo pelo qual tenho alergia desse nome até hoje: bom, repeti o ano.

Depois disso, comecei a trabalhar, para ajudar minha mãe e também para conseguir experiências. Com isso, optei por fazer meu ensino médio na EJA, em uma escola estadual. Minha oportunidade era estudar só à noite, então optei pela EJA por ser em menos tempo e, à noite, porque em um ano e meio eu já estava com o ensino médio feito. Foi assim mesmo... Apavorei-me não naquele momento como aluna, mas agora quando comecei a faculdade, pois analisando agora a EJA, em alguns aspectos, ela é muito fraca, não nesse momento atual, mas quando cursei, sendo muito resumida, ou melhor, pouquíssimos conteúdos e muita decoreba. Para se ter uma ideia, tinha professor arquiteto que dava aula de disciplinas que não eram dessa área, mas terminei sem me dar conta do que tinha passado, pois agora que tenho uma visão de educadora, apavoro-me cada vez mais com o que os alunos vivenciam sem ter a mínima ideia de seu processo de aprendizagem.

Depois de terminar o ensino médio, fiquei um bom tempo sem estudar, então resolvi fazer minha inscrição para o vestibular na Unipampa. Não estava muito preparada para assumir uma faculdade e ainda mais de Pedagogia, que não era o que eu pensava em fazer, mas para a alegria de minha mãe e de meu namorado Giovane. Passei, não acreditava que eu ia passar, mas nada é válido enquanto não se tenta.

Passei e comecei com muito entusiasmo, mesmo que, às vezes, as pessoas me perguntavam: “Mas por que Pedagogia? Que coisa sem graça...” Ao passar os dias, percebi que cursar uma faculdade não é fácil, mas faz a gente formar, pensar e criar novos conceitos sobre a educação de todos e, mais ainda, a nossa própria educação.

A faculdade nos abre espaços que, muitas vezes, em toda a caminhada da escola, não foram propostos para nós, e isso atualmente acho muito importante, porque quantas foram as vezes que tinha algo a falar ou até a protestar, e não tinha uma chance sequer para isso acontecer. Era professor ali na frente autoritário, muitas vezes, e nós alunos ali um atrás do outro só copiando coisas que não tinham sabor e nem importância naquele momento, Pois, o que faltava era dialogicidade com os seres que ali ocupavam aquele espaço. Quando comecei a faculdade, tinha entusiasmo, agora tenho alegria, prazer, curiosidade no que estou fazendo, o que me deixa aborrecida é o fato de eu não aproveitar 100% do curso por motivo de tempo, mas tento aproveitar todos os momentos que me oportunizam a conhecer e a aprender. Socializar é uma das coisas que aprendi no curso, porque antes eu era muito tímida ainda sou, mas não como antes.

Nunca tinha atuado como professora e sim só como aprendente (aluno), mas na faculdade tive a oportunidade de estagiar com a educação infantil, que na verdade amei, apaixonei-me pela educação infantil, pois senti muita insegurança na minha prática. Não sei se foi por ser inexperiente, ou a primeira vez assusta mesmo. Acho também que, muitas vezes, o medo tomou conta de mim, e confesso: tive vontade de sair correndo da sala de aula, mas comecei a me acostumar e me adaptar em ser professora. Com o jeitinho meigo da turma, fui fazendo meu trabalho, mas poderia ter feito bem melhor, mas quando a demanda de coisas para você realizar é maior do que pode fazer, começa a cansar psicológica e fisicamente o ser.

Mas voltando, foi poucos dias de medos e ansiedades, pois fiz uma interação muito boa com meus alunos e com os pais deles também. Para mim, foi muito bom, pois o papel de professora era bem diferente do que você estar ali trabalhando com crianças que muitas vezes não comeram, não tomaram banho, não dormiram, mas a meu ver meu trabalho foi bem satisfatório: não pela nota que recebi, mas sim na prática que exerci com meus alunos da

educação infantil, no pré-jardim de uma escola municipal. Sei que no começo se pode haver estranhamento deles com professores novos, pois nessa faixa de etária eles sentem você com um carinho tão especial, uma “tia” muito aconchegante e, acima de tudo, te admiram e te respeitam.

Pretendo sim continuar, fazer mestrado ou especialização, mas um tema que me chama atenção a educação inclusiva, pois é uma coisa que me instiga e me deixa com interrogações a respeito desse assunto. Com a Pedagogia, aprendi que o segredo está no olhar, que o professor junto de seus alunos tem que aprender a aprender e que valorizar o aluno não é dar boas notas, mas reconhecer sua bagagem, sua história, fazer com que a aprendizagem seja significativa e não somente aplicar conteúdos que na realidade não têm uma ligação com o cotidiano do aluno.

Agora vou começar outra fase na faculdade: é o estágio em séries iniciais, mas quem sabe não me apaixono também? Para mim, a interação entre os sujeitos é um ponto importantíssimo para realizar ótimos trabalhos em sala de aula, pois só assim o aluno consegue mostrar-se e ver o conhecimento de seu colega.

Em toda minha vida tive oportunidades de conhecer e dizer o que gosto e o que não gosto, sou extremamente grata a Deus, por ter tido momentos maravilhosos e ter tido pessoas especiais em minha vida. Muitas já não estão mais nela, mas muitas ainda estão fazendo parte ainda e com isso sou muito feliz, amo minha família, meus momentos de hoje e de alguns que me deixam saudade. São lembranças que carregarei comigo sempre.

Quando vou passar minhas férias lá onde eu morava, fico sempre feliz, pois por onde eu passo ou ando, me lembro de todas as coisas, momentos que muitas vezes, naquela época, não tinha tanto significado como têm agora para mim. Sei que meu chão é lá e, quando estou triste, cansada, estressada com meu trabalho, faculdade, ou melhor, com a vida daqui, vou para a campanha e me sinto tão leve, tão feliz, pois lá tem algo a mais, tem algo que me tranquiliza e mais: meu marido trabalha lá agora. Aquele amigo com quem eu adorava brigar, agora é meu amor, mais do que isso, é meu companheiro fiel nos momentos felizes e tristes de minha vida.

Penso que consegui mostrar um pouco minha trajetória escolar, e sei que se sou o que sou é pelo simples fato de existir, de conseguir interagir com

o meio em que estou inserida, mostrar meus conhecimentos para diversos indivíduos e em diversos momentos.

## **2- PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO**

### **2.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO**

NOME: Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Dias

ENDEREÇO: 24 de maio, 430.

BAIRRO: Vencato

DATA DE FUNDAÇÃO: 23/04/1966

TURNOS DE FUNCIONAMENTO: Manhã e Tarde

NÚMEROS DE PRÉDIOS: 1

**AMBIENTE FÍSICO E ARRANJO ESPACIAL:**

A escola apresenta um espaço físico bem grande, tudo bem subdivido, na qual tem no total 12 salas de aula, um refeitório com espaço bom, uma cozinha de tamanho pequeno, as merendas são prescritas por uma nutricionista da prefeitura, que faz para todas as escolas do município. Um banheiro para meninas e outro para os meninos, o corredor é imenso, tem um pátio por toda a volta da escola. O pátio do pré com pracinha fica do outro lado.

O pátio da escola é todo revestido de cimento. A escola também está equipada de uma biblioteca, com grande variedade de livros, mas com espaço limitado, na qual, no fundo, ficam umas cadeiras para assistir filmes, perto dali tem uma sala de informática.

Também, ficam disponíveis duas salas, onde os alunos guardam seus instrumentos da banda, e alguma coisa necessária que a escola utiliza.

Na parte da frente da escola fica a secretaria, logo após a sala da diretora e no final a sala dos professores. Também tem um banheiro que é dos professores.

O prédio apresenta boa estrutura e manutenção, tem desenhos de alunos em algumas paredes, mas na totalidade é pintada com uma cor amarelo bem claro.

FAIXA ETÁRIA ATENDIDA: Desde idade do pré até o último ano do fundamental

NÚMERO DE ALUNOS: Em torno de 400

NÚMERO DE PROFESSORES: 22

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS: Seis (uma estagiária, três zelador, um ronda, uma merendeira)

**REUNIÕES – CRONOGRAMA DA ESCOLA:**



A escola apresenta de modo sucinto seu cronograma, em que apareceu reuniões mensais, semanais quando preciso e bimestral na entrega dos boletins, tanto com professores, funcionários e pais.

As reuniões com professores são realizadas semanalmente, nas quais se trazem conversas dos alunos, conteúdos e metas para o mês.

A união dos professores com diretora é bem satisfatória e calma, sempre tentando orientar e ajudar todos em todas as situações. No cronograma estão bem destacadas as datas comemorativas, os horários e datas de todos os bimestres.

DIREÇÃO: Diretora Santa Olinda Pereira Dias Ferreira;

Vice - diretora: Ane Elise Cassel Pinto;

COORDENAÇÕES: Supervisora: Jane Maria da Silva Oliveira;

Orientadora: Niraci Rodrigues Souza de Paiva (1º turno);  
Andréia Bretanha (2º turno).

Secretária: Liziane Alves da Silva (estagiária).

REGIMENTO:

O documento está bem claro e organizado, na perspectiva de bons resultados e compreensões de todos que com ele tem contato, neste documento aparece à importância de uma proposta pedagógica bem significativa, e suas regras e normas da escola.

Esse ano a escola reelaborou este documento, mas, não tem ainda a aprovação da Secretaria de educação. Está presente também a participação aberta para os pais, funcionários junto com a equipe diretiva, para reelaborar esse documento, que é muito importante para um bom funcionamento da escola.

ROTINA DA INSTITUIÇÃO: Manhã 08h00min até 12h00min. Tarde: 13h30min até 17h30min.

PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA:

A proposta pedagógica da escola também aparece bem estruturada, já desde o início mostrando seu embasamento teórico, nos autores Piaget e Vygotsky, sendo, que sempre estão procurando uma aprendizagem significativa para os alunos e uma boa interação entre eles e a instituição. A escola é tratada como um instrumento investigativo sobre o entorno e seus

indivíduos. No documento está a preocupação nos desinteresses dos alunos, é indicada pouca participação dos pais e comunidade.

Mostra também o objetivo da escola que é: “Incluir a busca da qualidade de vida e a união da escola com a família e comunidade, visando a ação integrada e contínua”.

No documento aparecem os projetos desenvolvidos pela escola, sua organização estrutural, pedagógica e democrática. Portanto, também apresenta as responsabilidades de cada profissional com a educação de seus alunos e com a própria instituição. Trazendo assim, o Eixo Norteador da Escola que é: “O incentivo à inovação de práticas pedagógicas da educação”.

**INTERAÇÕES ESCOLA X COMUNIDADE:** A escola trabalha em prol da participação ativa da comunidade dentro da mesma, portanto se têm CPM, no qual a participação dos pais é fundamental.

Na parte de trabalhos para arrecadar alimentos, ou para fazer métodos de arrecadar dinheiro, a comunidade apresenta-se participativa.

## 2.2 DADOS REFERENTES À SALA DE AULA:

**NOME DA PROFESSORA:** Ana Maria Vieira da Silva Martinez

**FORMAÇÃO:** Licenciatura Plena em Pedagogia de Séries Iniciais

**PLANEJAMENTO:** A professora trabalha com folhas, sempre trazendo suas atividades e atualizando seu caderno, construindo sempre através de Vygotsky e Piaget.

**INTERAÇÃO PROFESSOR X ALUNO:** Boa, satisfatória, pois acredito que está estabelecido respeito e compromisso, penso que eles interagem, mas não é pura tranquilidade, respeitam a rotina estabelecida pela professora.

**ALUNO X ALUNO:** Interação bastante, sempre, penso que o que não pode faltar é a interação, porque sem isso o que seria deles, para quem contar como foi seu dia. Eles adoram trocar merenda, trocar materiais, e figuras da capa do caderno. As meninas são bem mais comunicativas, no que percebi os meninos só brincam e falam bastante uns com outros na hora do recreio.

**RECURSOS DIDÁTICOS:** Folhas de ofício, canetinha, lápis de cor, etc.

**METODOLOGIA DE TRABALHO:** Atividades no quadro e os alunos copiam nos seus cadernos, tem bastantes folhinhas trazidas pela professora com atividades,

onde aparecem bastante dúvidas, que em todas as vezes eles perguntam para seus colegas, antes de levar para a professora.

ROTINA: As crianças na hora de entrar se posicionam em duas filas, os meninos numa e as meninas em outra, todos tem seus lugares, não trocam de lugar nunca, tem a hora da merenda, quem vai merendar a comida da escola vai para o refeitório, quem trouxe de casa, merenda na sala de aula, logo após recreio, volta para a sala de aula e, logo após, vão embora.

AULAS ESPECIALIZADAS: Quando a professora percebe que algum aluno precisa de reforço, ela encaminha para a aula especializada, a Sala de Recurso.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO: A professora somente faz avaliação no terceiro bimestre, antes ela realiza alguns testes, para ver em que nível eles estão.

CONHECIMENTOS TRABALHADOS: A professora trabalhou bastante conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, realizando várias atividades, tanto no caderno como em folhinhas.

### 2.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA:

A turma na qual realizei minha observação é um segundo ano, que se compõe de 21 alunos, sendo treze meninos e oito meninas, na faixa de idade de sete a oito anos. Os responsáveis que levam os alunos são todos pais ou mães.

No que tange à interação dos alunos, percebi que eles interagem muito, desde quando entram até a hora de sair, estão sempre levantando, conversando com o colega, se a professora pede para sentar, eles falam com o colega do lado.

No que diz respeito à profissão dos pais, de como a professora fica informada sobre o aluno, ela salientou que não sabe nada, mas acredito que quando a criança começa a não frequentar a escola, a mesma deve entrar em contato com os responsáveis, porque existe a frequência. Caso o aluno não esteja frequente, o conselho tutelar vai atrás dos responsáveis.

Quando pedi para a professora, se eu poderia fazer umas testagens com eles, todos ficaram fascinados, então pedi para que cada um viesse e pegasse um papel, e logo após de lê-lo, quem quisesse poderia se dirigir para frente da turma e falar sua palavra. Depois de falado, eu colocava no quadro, e com eles todos liam. Foi fantástico, todos foram até a frente, mesmos os que não sabiam ler vieram e pediram minha ajuda. Percebi ali, naquele exato momento, que os alunos não estão acostumados com estratégias diferenciadas.

Trazem todos os dias assuntos sérios, que viram na TV, em jornais, ou que os pais comentaram, assuntos como o “casamento da princesa”, e “a noite estava muito fria”.

Para mim, cabe ao professor articular os conteúdos, partindo de um prévio conhecimento a partir de uma temática central, na qual favoreça a construção do conhecimento dos alunos.

Como salienta Hernandez e Ventura:

A criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação ao tratamento das informações entre os diferentes conteúdos em torno de problemas e hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio. (HERNANDEZ&VENTURA, 1998, p.51)

Percebi um tipo de decoreba na hora da data, pois muitos sabem fazê - la, mas outros copiam porque já sabem que vão ter que colocar a data, e perguntam para o colega ou para a professora que dia é hoje.

Eles adoram estar indo ao banheiro toda a hora, todo minuto, fazer ponta nos lápis. Na hora da merenda, os que ficam para merendar na sala trocam merenda uns com os outros.

Estavam sempre me trazendo “cartinhas”, uns me davam bombons e diziam que estavam felizes, por terem outra professora para trabalhar com eles. Notei que a palavra “tia”, para eles esta bem forte no seu dia-a-dia.

Todos adoram contar sobre seus dias, o que fizeram, se brincou que horas dormiram, o que jantaram etc. Os alunos não têm vergonha de perguntar nada, o que eles têm dúvida, eles perguntam.

O domínio maior, no que se refere aos conhecimentos é na Matemática. Percebi que nas atividades de Língua Portuguesa eles não compreendem muito, ficam sem fazer as atividades.

No dia de pegar livros novos, eles ficam numa felicidade, e tentam ler aquelas figuras para os outros colegas. Eles têm uma responsabilidade com os bilhetes que a professora entrega, pois vi rapidamente eles receberem e já colarem no caderno, sempre indagando o para quê daquele bilhete, sempre perguntando qual sábado eles iriam ter aula.

Primeiramente, ao chegar à sala de aula, confesso fiquei bem assustada, nem sei se é essa a palavra, pois é a primeira vez que tenho convívio com uma turma de segundo ano, mas a ansiedade começou a me torturar, percebi ali naqueles dias que muitos são bem adiantados e outros nem tanto.

Logo que observei a turma, notei a grande diferença, que é uma turma de alfabetização, seus conhecimentos, seus avanços, seus estágios, todas as peculiaridades dos alunos.

Posso dizer que ao mesmo tempo em que me assustei, fiquei muito aconchegada pelo carinho deles e pela sinceridade que só criança tem. Ressalto também que ao ajudar os alunos que não sabiam fazer suas atividades, depois de feitas, e ao levarem para a professora, e ao saírem da mesa dela com tudo certo, ficaram mais alegres. Várias vezes, eles vinham até mim, e me davam um beijo como forma de agradecimento.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis (...), de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p 23)

Nessa turma, há a necessidade de suprir coisas de seus cotidianos, de fazer trabalhos em que eles se posicionem de formas diferentes, pois ao fazer as testagens com eles, nas quais eles vieram na frente de todos os colegas para falar sua palavra, adoraram e me perguntaram se não ia ter mais atividade.

Observei que os conhecimentos mais dominados são as atividades de Matemática, pois nesse momento até corrida de quem termina primeiro eu presenciei. Já nos conteúdos de Língua Portuguesa a palavra que se ouve bastante é “tia não sei fazer”, e os que sabem fazem, e os que não fazem ficam sem fazer. E com isso, a professora poderia fazer de um modo diferente, para assim ver se realmente eles não sabem, ou não querem copiar.

Conforme define Veiga:

Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para adiante, com base no que temos, buscando o possível. Nessa Perspectiva, o PPP vai além de um simples argumento de planos de ensino e de atividades diversas. (VEIGA, 1996, p. 12)

Quando se aplica algum conteúdo que o aluno não demonstra interesse, o professor poderá sim reavaliar seu planejamento, desenvolvendo outro que busque seu aluno para dentro da sala de aula, tendo um bom desenvolvimento.

#### 2.4 ABORDAGEM TEÓRICA PEDAGÓGICA: PRINCÍPIOS NORTEADORES:

- Abordagem de aspectos gramaticais e da ortografia a partir da leitura, figuras e relatos orais.
- Ênfase nos direitos e deveres de cada um, na realização dos trabalhos em grupos.
- Incentivo à autonomia do aluno, fazendo com que ele se sinta seguro de sua própria capacidade de construir.
- Problematização de aspectos sociais e culturais presentes no cotidiano dos alunos, a partir de um processo dinâmico e diversificado de atividades.
- Estimulo à procura de respostas para as dúvidas dos alunos;
- Dinamização da comunicação, através da literatura, da música, da plasticidade.
- Valorização dos momentos de exploração da leitura oral e coletiva.
- Contemplação da dinâmica escolar em atividades realizadas em espaços e tempos flexíveis aos alunos.
- Elaboração do planejamento das aulas, segundo princípio sócio interacionista e na perspectiva do currículo integrado.
- Exploração das áreas de conhecimento numa perspectiva lúdica.
- Atenção coletiva e individual aos alunos na realização das atividades, no processo avaliativo.
- As áreas de História e de Geografia irão enfatizar a construção da cidadania, trabalhando com as noções de identidade, respeito, valores e visão de sujeito crítico.
- O planejamento será elaborado a partir da realidade e das experiências de vida dos alunos.
- A avaliação se dará através de processos contínuos e individuais, respeitando o ritmo de aprendizagem desse sujeito;

- O trabalho didático envolverá atividades nas quais o lúdico e a interação professora x aluno / aluno x aluno serão a tônica no desenvolvimento das mesmas.
- Resolver problemas, através de contas de adição e subtração.
- Para compreender outras histórias e outros espaços e tempos, é necessário primeiro conhecer a sua própria história e a constituição de sua própria identidade.
- Promoção de práticas de leitura e escrita que tenham sentido para os alunos.
- Proposição de momentos lúdicos de aprendizagem, através de brincadeiras e jogos.

## 2.5 FIO CONDUTOR E EIXOS POSSÍVEIS:

O fio condutor deste planejamento será: LENDO E ESCREVENDO EU APRENDO SOBRE MIM E OS OUTROS.

A partir do fio condutor, tracei três diferentes eixos:

1. Contos, poemas e canções: Explorando Identidades;
2. Conhecendo os gibis;
3. Ouvindo histórias, resolvendo problemas;

## 2.6 JUSTIFICATIVA:

A partir das minhas observações, recolhi dados na qual a turma não trabalhou naquela determinada semana com leituras de textos referentes a poemas, músicas e contos, então senti a necessidade de ampliar mais o repertório das atividades, e tentarei trabalhar temas e assuntos que são de importância para a criança na vida escolar, possibilitando, com isso, que o aluno desenvolva seu potencial, numa perspectiva dinâmica e prazerosa para todos. Portanto, abordarei várias atividades em que eles se sintam estimulados para fazê-las, mas sempre pensando no ritmo de cada um.

## 2.7 OBJETIVOS:

- ⇒ Aplicar a prática da leitura, escrita e interpretação em todas as áreas de conhecimento;
- ⇒ Presenciar a leitura, escrita e interpretação, através de rodinhas, textos, figuras e gibis;
- ⇒ Trocar experiências, através de atividades em pequenos e grandes grupos diversificados;
- ⇒ Desenvolver o raciocínio lógico para a resolução de problemas, e habilidades na utilização dos materiais a serem utilizados;
- ⇒ Compreender seus direitos e deveres como cidadãos e a importância de colocá-los em prática no seu cotidiano;
- ⇒ Compreender que cada um têm maneiras diferentes de trabalhar;
- ⇒ Reconhecer, dentro do ambiente escolar, a importância do diálogo, interagindo sempre;
- ⇒ Refletir o comportamento escolar, através de conversas;
- ⇒ Realizar atividades lúdicas e desafiadoras do campo numérico;
- ⇒ Ter atitudes de companheirismo, respeito e cooperação junto aos colegas;
- ⇒ Resolver conflitos por meio do diálogo, ouvir e respeitar os outros, mesmo num momento lúdico;
- ⇒ Aprender, de forma prazerosa;
- ⇒ Trabalhar com os jogos, brincadeiras, e atividades;
- ⇒ Reconhecer-se como cidadãos autônomos e críticos, cuja característica seja à capacidade de argumentação;
- ⇒ Executar o desenvolvimento de atitudes de compromisso e responsabilidade para com a escola;
- ⇒ Ter a presença da fala dos alunos em todas as atividades possíveis;
- ⇒ Respeitar e ter autonomia em todas as atividades;
- ⇒ Compreender as regras da sala de aula;
- ⇒ Ter o hábito de ouvir com atenção;
- ⇒ Relatar historinhas e contos;
- ⇒ Ter o gosto pela leitura;
- ⇒ Desenvolver-se através de atividades que envolvam músicas, plasticidade e textos literários;



⇒ Relacionar-se através de momentos em histórias, contos e músicas;

## 2.8 ABORDAGENS POSSÍVEIS E SEUS DESDOBRAMENTOS:

- Leitura de poemas e escrita de palavras relacionadas a cada contexto semântico;
- Escuta de músicas e escrever palavras que tenham memorizado da música escutada;
- Leitura e escrita através de atividades envolvendo diferentes portadores de textos em diversos momentos;
- Resolução de problemas matemáticos oralmente e com registro coletivo escrito a partir da história;
- Criação de histórias em quadrinhos, a partir de uma leitura feita pela professora, construindo sua própria historinha;
- Exploração de músicas dos CDs do Paulo Tatit, e músicas do cd Silvio Costa, “Brincando com os Sons”, em diferentes atividades;
- Desenvolvimento do interesse pela leitura através de textos diversos;
- Estudando sobre seu próprio Eu, fazendo a linha do tempo e suas evoluções;
- Exploração das identidades através da literatura e músicas;
- Reconstrução do seu dia-a-dia, sendo o calendário preenchido pelos alunos a cada dia;
- Resolução de problemas contextualizados de adição e subtração, com materiais elaborados pela professora e feitos mentalmente;
- Identificação de sílabas a partir de textos trabalhados;
- Socialização através de atividades propostas pela professora, envolvendo sua interação com os alunos;
- Trabalho dirigido com diversas palavras em trabalhos sobre histórias contadas pela professora;

- Elaboração de cartazes para fixação do que foi trabalhado;
- Criação e recriação de histórias através de figuras;
- Registros nos cadernos dos alunos e em trabalhos expostos na sala de aula;
- Através de contos, realização de trabalhos de plasticidade sobre o que foi contado;
- Aprendizagem com jogos, através de quebra-cabeça, jogo da memória;
- Desenvolvimento da prática do roteiro de trabalho, em prol da organização do trabalho da professora;

## 2.9 AVALIAÇÃO:

Claro que há respostas certas e erradas. O equivoco está em ensinar ao aluno que é disto que a ciência, o saber, a vida são feitos. E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus vãos...Pois isto também é conhecimento

Rubem Alves

A avaliação será predominante no que tange os trabalhos de leitura oral e escrita, na participação e realização de trabalhos propostos na sala de aula, participação e cooperação nas atividades coletivas e individuais.

Mediante a isso, propor avaliação na qual o aluno não se sinta amedrontado com um processo avaliativo, e sim num processo contínuo e satisfatório em prol dos trabalhos realizados em sala de aula.

Fazer com que o aluno se sinta seguro no que está fazendo, conseqüentemente, o ato de ensinar requer o exercício constante da reflexão, da busca por novos saberes, estratégias de ensino e mecanismos que façam das práticas cotidianas de sala de aula um momento prazeroso.

Tornar o espaço da sala de aula, um momento de bons trabalhos em grupos, alguns momentos de reflexões individuais, enfim tornar toda a construção dos alunos um método de avaliação prazerosa. E como salienta Luckesi (2004, p. s/nº) “O ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo”.

Antes de tudo o docente deve acolher o educando no seu ser e no seu modo de ser, para depois avaliá-lo, olhar como é e não como deveria ser, diagnosticar para poder intervir.

Segundo os PCNs, a avaliação consiste em:

Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas conseqüências. Portanto, a atividade de avaliação exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados. (Parâmetros Curriculares Nacionais, MEC/SEF, 1997, p. 58).

Através dos conteúdos trabalhados, tentarei avaliar os alunos, tanto nos processos afetivos, cognitivos e sociais, intervindo e interagindo em diversos momentos. Assim, usarei materiais diversos, como jogos, folhinhas com atividades, dominó, atividades no caderno, atividades partindo de músicas, poemas e literatura, enfim estratégias necessárias para ampliar o conhecimento de meus alunos e o meu também.

#### 2.10 CRONOGRAMA:

MAIO 2011						
23	24	25	26	27	30	31
x	x	x	x	x	x	x

JUNHO 2011						
01	02	03	06	07	08	09
X	X	x	x	x	x	x
10	13	14	15	16	17	
X	X	x	x	x	x	

### 3- REFLEXÕES ANALÍTICO-TEÓRICAS SOBRE A PRÁTICA

No momento em que tanto se fala sobre metodologias inovadoras, que propiciem aos alunos a construção do conhecimento, e que este seja sujeito de sua aprendizagem, deparei-me com uma turma de crianças com idades entre sete anos e oito anos de idade. Foi neste momento que as incertezas começaram o que gerou uma enorme angústia, pois é no momento do planejamento que buscamos alcançar os objetivos, estes são de total relevância à medida que se busca ser coerente com nossa prática. Desta forma, planejar é:

elaborar-decidir que tipo de sociedade de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessário para isso; verificar a que distância se está deste tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende; propor uma série orgânica de ações para diminuir esta distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido; executar-agir em conformidade com o que foi proposto e avaliar-revisar sempre cada um desses momentos e cada uma das ações, bem como cada um dos documentos deles derivados. (GANDIN, 1985, p. 22)

O planejamento é um guia de orientações que o professor traça para auxiliá-lo na concretização daquilo que almeja. Nesse sentido, penso que ao planejar precisamos dedicar tempo, pesquisar e buscar elementos que visem levar novos conhecimentos até as crianças, considerando e respeitando o nível escolar em que se encontram os educandos, relacionando os conteúdos, os conhecimentos próprios de cada um e a realidade em que vivem de forma a contribuir no desenvolvimento integral dos alunos.

Portanto, cabe a nós, traduzir, através de nosso planejamento, nossas intenções e nosso papel de provocador e incentivador do ato de conhecer o mundo, como também provocador de desequilíbrios e mudanças.

O planejamento, então, torna-se a condição principal à concretização desses ideais. É ele que possibilita caminhos para as mudanças de pensamentos e de ações, principais objetivos da educação.

Para que pudesse chegar a estas conclusões sobre a importância do planejamento escolar e sobre a forma de organizá-lo de modo a respeitar as características dos alunos e seu nível de conhecimento, vale destacar aqui o apoio e a orientação, sempre precisa, da Professora Mestre Patrícia Moura

Pinho que conseguiu, em pouco tempo, nos ensinar a organizar o planejamento, nos auxiliou na criação e na busca de estratégias de ensino adequadas e, acima de tudo, dispôs de material para que pudéssemos nos apropriar de conhecimentos que ainda não tínhamos.

Para tanto, busquei desenvolver meu trabalho sob a luz dos ensinamentos de autores que foram significativos para mim e que divulgam uma aprendizagem que seja significativa para os alunos, com base na realidade de cada um. Almejo propiciar um espaço de troca, mediando os saberes já existente através de conversas, debates e pesquisas, pois para que a aprendizagem tenha significado para os alunos é preciso que o professor seja um mediador dos conhecimentos, isto só se traduz através da prática.

A prática pedagógica se processa a partir da vontade de participar e cooperar com o outro. A vontade em participar está ligada à vontade de aprender, mesmo para vir a ser, porque se deve saber que prática pedagógica não se ensina, mas se aprende. Ela é formada de intenções de fazer educação e se constitui, antes de tudo, de um querer ser. Este querer ser é legitimado por um querer saber para fazer bem. (MACHADO, 2005, p. 129).

Com essa proposta pude criar espaços onde os alunos puderam participar da construção do seu conhecimento e não apenas sendo depósitos dos mesmos, onde prevaleça um ambiente interativo onde cada sujeito possa estar estabelecendo possíveis relações entre o conhecimento adquirido na escola e aquele que já possui.

Minha experiência como docente anterior tornou-se bem diferente no sentido de que era em uma turma de Educação Infantil, eram crianças bem menores e que, claro exigiam atividades diferenciadas.

Quando me deparei com a atual prática em Educação Fundamental, senti que seria mais complicado, assim eu pensava, pois sempre ficamos receosos diante do “novo”.

Esta minha primeira semana de estágio pareceu-me meio confusa ou complicada, pois não sabia como aplicar minhas atividades, ou melhor, como falar com eles, mas como minha turma como é bem comunicativa e alegre, rapidinho consegui interagir com todos.

Nessa semana percebi que os alunos fazem muitas ligações tanto dos textos ou das atividades realizadas em sala de aula, eles trazem

interrogações e relacionam com o seu cotidiano, afinal a educação está em todos os momentos e em qualquer lugar, não somente na escola. Realmente quando se aplica atividades nas quais não tem a presença de escrita, o desempenho é bem mais dificultado, parecendo que ali naquele determinado momento nada sabe. Hoje vivemos em mundo totalmente globalizado, a mídia está presente na maioria das casas das crianças fazendo com que elas interajam o tempo todo com mundo, e, dessa forma com o mundo letrado. E, segundo, Magda Soares (2000 p. 5):

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Quando realizava uma atividade de formar palavras e frases, uma aluna disse: “Professora, macaco é mamífero, né?” Parei o que estava escrevendo e começamos a conversar sobre os mamíferos. Pensei para mim mesma, “como eles internalizam coisas da sala de aula com o seu cotidiano”.

A atividade de leitura não é apenas decodificação nem apreensão de um único sentido pré-estabelecido. A leitura envolve também a atividade do leitor que atribui sentidos ao texto a partir das relações que estabelece segundo suas experiências. (SMOLKA, 1995, p.31)

A participação é totalmente gratificante, pois a turma está sempre colaborando e se movimentando, interagindo todo momento uns com outros, sem limitação nenhuma. Isso torna o trabalho desenvolvido na sala de aula com um rendimento satisfatório.

Na segunda semana de minha prática, o medo de não conseguir trabalhar com uma turma de segundo ano ficou bem menor do que antes, os alunos são bem espertos e simpáticos, todos estão adorando fazer as atividades propostas, alguns dizem que não, mas logo não resistem e fazem as atividades.

Percebi que os alunos têm uma preocupação com as atividades dadas dentro da sala de aula, pois ao faltarem, no outro dia estão perguntando se a professora não vai dar a folhinha que aplicou quando ele não estava.

Nesta semana, senti a necessidade de trabalhar com eles a “árvore da convivência”, pelo motivo de uns palavrões que surgiram na recreação entre dois colegas. Quando estávamos construindo as frases para colocar na árvore, uma aluna me diz: “Professora, isso é para quando não nos comportarmos bem, a senhora tem que fazer a gente olhar aí”. Achei fantástico, porque antes mesmo de terminarem muitos já sabiam o porquê daquela árvore. Todos interagem muito bem, mas como toda a criança, sempre tem alguma queixa, mas o convívio entre eles é bem aconchegante. A professora Criziane sempre faz todos compreenderem o porquê daquilo ter acontecido, e com isso faço todos refletirem do que está sendo ensinado sobre respeito, diferenças etc. Segundo Bento Selau ( 2010, p. 120):

Quando se entende que as manifestações de agressividade de nossos alunos não são “doenças” ou atitudes típicas de pessoas “más”, mas interpretamo-las como circunstâncias normais da vida das pessoas que têm relação com algum acontecimento prévio, que necessitam de corretas interpretação e intervenção, tem-se melhores condições de ajudá-los pedagogicamente.

No momento da apresentação de trabalhos, percebi uma desenvoltura inédita, porque eles fazem cartazes ou folhinhas e, logo após que terminam, perguntam se vão apresentar. No começo, alguns ficaram meio tímidos, mas agora todo mundo quer expor seus trabalhos.

Quando os alunos vão para a recreação, eles voltam com outro ânimo, bem mais energizados. Conforme diz Bento Selau (2010, p. 140), “brincar também é um momento de aprendizagem, na qual sempre se torna sempre um momento prazeroso, em alguns momentos dirigidos e em outros livres”.

A cada semana que passa a tranquilidade e alegria vai ficando maior, e um sentimento de que está terminando, trazendo consigo muitas saudades e recordações, pois, no começo, tudo é diferente, mas depois tudo tem significado, quando se trata de educar seres.

Percebi que muitos alunos me perguntaram se era a última semana como professora, senti a preocupação deles com os dias.

Em um momento da aula, senti a necessidade de dizer que no dia seguinte eu começaria a trazer carimbos para avaliar os trabalhos, pois só



queriam conversar e, quando a professora distribuía atividade, a palavra não sei fazer surgia muito. Não pelo fato de não saber mesmo e por só quererem conversar ou desenhar. Percebi que muitos ali estão acostumados só com um ritmo, e quando alguma coisa na atividade é diferente, todos têm dificuldades de compreensão.

Quando comecei a colocar carimbos nos trabalhos de cada um, eles adoraram e todos os dias me perguntam: “Quantos carimbos vale essa atividade professora?” Eles adoram quando eu coloco dois ou três carimbos, pois falei que assim todos vão ter noção do que estão fazendo, e um novo jeito dos pais verem como seus filhos estão se saindo nas atividades propostas. Uma aluna me falou: “Mas, sabe tia ontem mostrei todos os meus carimbinhos para minha mãe, e ela adorou”. Nesse sentido, Madalena Freire ressalta:

É fundamental que as crianças tomem consciência de que elas estão fazendo, conquistando, estão se apoderando do seu processo de conhecimento. E que o professor, igualmente, com elas, os dois são sujeitos desse processo na busca do conhecimento. Daí que o papel do professor não é o “dono da verdade”[, ...] mas sim o de quem, [...], tem a capacidade de devolver às crianças de modo organizado, as informações do objeto de conhecimento. (FREIRE, 1983, p. 45)

Isso me deixa muito alegre, pois coisas que pareciam que nem seriam de tanta importância, para eles tudo é muito válido: um gesto, uma atitude e até mesmo um sorriso.

O professor planeja pensando em seu bom desenvolvimento da aprendizagem com o aluno.

(...) planejar é a constante busca de aliar o “para que” ao “como”, através da qual a observação criteriosa e investigativa torna-se, também, elemento indissociável do processo. Os “pressupostos” expressam a fundamentação teórica; são os alicerces, as referências para a prática, representando as metas e, até, os ideais. Por sua vez, os “princípios” são necessários para garantir a aproximação da prática aos ideais e vice-versa (...) (RODRIGUES, 2000, p. 62).

Depois, de três semanas de prática, a última é sempre emocionante e gratificante. São 20 dias de convivência com crianças, que antes nem os conhecia, mas que, em pequenos gestos descobri e aprendi muitas coisas a respeito deles.

Sei que fiz atividades diferentes em minha prática, porque todos ressaltavam: - A professora Criz só traz coisas boas e diferentes. Essas conversas me tornaram mais profissional, por não ter experiência na sala de aula, sempre fico com medo de não alcançar aquilo que me propus a fazer nos estágios, mas as crianças te passam confiança e verdadeiras opiniões sobre o que gostam e o que querem, e além desse apoio dentro da sala de aula de minha titular, fico eternamente agradecida a minha orientadora Patrícia Pinho, que esteve sempre ao meu lado, contribuindo muito com a minha prática e tirando todos os meus medos e dúvidas.

Com certeza mais uma experiência que acaba com muita segurança e alegria. O fato de fazer atividades com os alunos numa turma de alfabetização, ver o desenvolvimento e o avanço de todos tanto nos sons, sílabas é totalmente gratificante, é um descobrimento de um ser, que me faz responsável naquele determinado momento. Fico muito feliz por ter contribuído com a turma de alfabetização, que não é fácil, mas, também não é impossível.

Como diz Jorge Larrosa Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (pág. 21 ano, 2002)

A cada experiência vivida, é um prêmio que nós educadores conquistamos, serei esforçada ao conquistar meus objetivos, e sanar muitas dificuldades existentes na educação. E para isso a experiência é um marco importante, pois a cada vivência dentro de uma sala de aula, contribuo para o meu saber e com o saber dos meus alunos.

Pois...

Educar - "Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: "Veja!" - e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. "Ele fica mais rico interiormente..." "E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria - que é a razão pela qual vivemos". Rubem Alves

#### **4-CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posso dizer, com muita alegria, que fui muito bem acolhida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Dias. Os professores, a equipe diretiva e os funcionários sempre se mostraram atenciosos e disponíveis a auxiliar-me sempre que fosse necessário. Também deixo registrada a importância da realização do estágio, pois nestes momentos podemos realmente traduzir tudo aquilo que aprendemos durante o curso. Acredito que a docência se constrói com muito esforço, dedicação e principalmente conhecimento teórico, pois assim podemos traçar objetivos que irão embasar nossa prática.

Agradeço a Professora Ana Maria pela dedicação durante o período que antecederam minha prática, sempre me auxiliando e respondendo as minhas dúvidas. Saliento que o bom desenvolvimento deste só torna-se possível devido às orientações necessárias à prática.

Enfim, acredito que cabe a cada acadêmica a tarefa de tornar o mais significativo possível seu processo de formação se apropriando de todo o conhecimento disponibilizado no curso e, também, se responsabilizando por sua ampliação e aprofundamento.

Afinal...

Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licenciado, nem um déspota da educação. A realidade é dado essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto dessa inconclusão do ser, é necessário ao bom educador a crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de novos saberes é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo... Educar exige comprometimento (FREIRE, 2003, p. 96).

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental. Brasília: MEC. 1997

BRASIL. Ministério da Educação. I seminário Internacional de Educação de Campinas. Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de educação de Campinas/ FUMEC. Revista Brasileira de Educação julho de 2001.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).

FURINI. A. B.; SELAU. B. (orgs.) **Psicomotricidade Relacional e Inclusão na Escola**. Lajeado: Ed. Da Univates, 2010. 164p.

HERNANDEZ, F. VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MACHADO, V. **Definições da Prática Pedagógica e a Didática Sistêmica: Considerações em Espiral**. In. Revista Didática sistêmica. Vol. 1. FURG. Out - Dez/2005.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 16<sup>º</sup>. Ed: Loyola. São Paulo, 2007

RODRIGUES. M. B. Castro. Planejamento em busca de Caminhos. IN: XAVIER. Maria Luiza; DALA ZEN. Maria Isabel. (orgs). **Planejamento em Destaque – análises menos convencional**. Porto Alegre: Meditação, 2000,

SMOLKA, Ana Luiza B. Góes. Maria Cecília (orgs.) **A Linguagem e o outro no Espaço Escolar: Vigotsky e a Construção do Conhecimento**. SP: CAMPINAS, PAPIRUS, 1995.

SOARES, M. B. **Letrar é mais que Alfabetizar**. (Entrevista Publicada em: Jornal do Brasil – 26/11/2010 por Eliane Bardanachvilli).

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível**. Campinas. Papyrus, 1996.

Sites Consultados:

<http://www.artmed.com.br> Acessado em: out. 2004. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Cipriano Carlos Luckesi.

<http://www.cadernodemensagens.net/node/774> Acessado em: 09 jun. 2011, 22h05min. Educar. Rubem Alves.

## **ANEXOS**

Anexo I: Folha Ponto

## Anexo II: Quadros Semanais e Planos de Aula

## Anexo III: Fichas de Avaliação Qualitativa





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA - VII SEMESTRE  
DISCIPLINA: SOCIALIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS DOCENTES II  
DOCENTE: PATRÍCIA PINHO

RELATÓRIO DA PRÁTICA DOCENTE EM ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

ACADÊMICA: CRIZIANE DA SILVA MADRUGA

JAGUARÃO, JULHO de 2011.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução: Memorial Descritivo.....</b>	<b>03</b>
<b>2. Planejamento Didático – Pedagógico.....</b>	<b>10</b>
2.1 Dados de Identificação da Instituição.....	10
2.2 Dados Referentes à Sala de Aula.....	12
2.3 Caracterização da Turma.....	13
2.4 Abordagem Teórica Pedagógico: Princípios Norteadores.....	16
2.5 Fio Condutor e Eixos Possíveis.....	17
2.6 Justificativa.....	17
2.7 Objetivos.....	18
2.8 Abordagens Possíveis e seus Desdobramentos.....	19
2.9 Avaliação.....	20
2.10 Cronograma.....	21
<b>3. Reflexões Analíticas – Teóricas sobre a Prática.....</b>	<b>23</b>
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>29</b>
<b>Referências.....</b>	<b>30</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>32</b>
Anexo I: Folha Ponto.....	32
Anexo II: Quadros Semanais e Planos de Aula.....	33
Anexos III: Fichas de Avaliação Qualitativa.....	34